

O Egito sob a ótica dos viajantes

Ivan Esperança Rocha

Resumo: Este texto apresenta uma discussão a respeito da utilização de relatos de viagem como fonte para a historiografia, com foco específico sobre o Egito. Desde Heródoto, muito se tem escrito sobre o Egito na literatura de viagem, quase sempre a partir de um olhar moldado pela realidade original do viajante e marcado por uma atração pelo exótico. Os relatos de viagem permitem compreender as características do olhar externo no conjunto das informações e descrições sobre uma determinada cultura. A compreensão de tais relatos exige, quase sempre, que se leve em consideração a relação entre o “mundo em que se conta e o mundo que se conta”.

Palavras-chave: Egito, relato de viagem, historiografia

Abstract: This paper presents a discussion regarding the use of travel accounts as source for historiography, with specific focus on Egypt. Since Herodotus, a lot of writings have been produced on Egypt in the travel literature, almost always presenting a gaze moulded by the traveler's original reality and distinguished by an attraction for the exotic. The travel accounts allow to understand the characteristics of the external gaze in the context of the information and descriptions on a certain culture. The understanding of such accounts demands, almost always, to consider the relationship between the "world in wich it is accounted and the world wich is accounted."

Keywords: Egypt, travel account, historiography.

Há o mundo em que se conta e
o mundo que se conta.

François Hartog

Os relatos de viagem constituem uma importante fonte para a historiografia, permitindo compreender as características do olhar externo no conjunto das informações e descrições sobre uma determinada cultura. A compreensão de tais relatos exige, quase sempre, que se leve em consideração a relação entre o “mundo em que se conta e o mundo que se conta” (HARTOG, 1999: 229-230), ou seja, o olhar do viajante é sempre moldado pelo seu berço.

O termo viagem tem sua origem no substantivo neutro latino *viaticum*, geralmente usado no plural, *viatici*, que significava, originalmente, provisões para a viagem, especialmente marítima. O termo latino para viagem é *iter, itineris*, que deu origem à palavra itinerário, ou seja o caminho que se vai percorrer ou que se percorreu¹, e que tem uma melhor correspondência com o significado atual de viagem.

A atração pelos relatos de viagem se embasa na sua capacidade de descrever o exótico, o

diverso e até mesmo o inverso do que caracteriza o mundo original do viajante. Isto se aplica tanto aos contatos estabelecidos com as culturas orientais como com outras culturas como a do Novo Mundo. A afirmação do exótico a respeito do Novo Mundo torna-se até pleonástica, como se nota na descrição de Jean de Léry (1534-1613), em *Viagem à terra do Brasil*: “este país da América (...) é tão dessemelhante em vista do que temos na Europa, na Ásia e na África, que pode bem ser chamado de mundo novo com relação a nós”². Aqui a alteridade se reporta ao distanciamento que ali se verifica não apenas com relação à França, mas também à Ásia e África, anteriormente considerados exóticos, mas que já tinham sido, de certa forma ‘domesticados’.

Os relatos de viajantes, além de descrever o exótico, servem de apelo e inspiração para novos viajantes e se somam à rica produção literária e artística sobre o Egito que iria alimentar a, assim chamada, egiptomania (FUNARI, 2004).

Heródoto de Halicarnasso, que tem recebido o epíteto de *pai da história*, e que poderia receber também o de *pai do relato de viagem* por sua obra *História*, onde narra além de outras, sua viagem ao Egito (HERODOTUS, 1921), é um desses viajantes que inspirou antigos e novos viajantes, como Ryzard Kapuscinski que intitula seu livro, recentemente publicado no Brasil, “*Minhas viagens com Heródoto. Entre a história e o jornalismo*”³.

O Egito, que atraiu viajantes desde tempos imemoriais, apresenta evidências materiais disto em inúmeras inscrições que se encontram gravadas nos monumentos de Gizé e do Vale dos Reis. Desde 1200 a.C., até o último século – em menor proporção ainda hoje, os viajantes escreveram seus nomes nos monumentos do Egito que eles conheceram após muitas aventuras e dificuldades⁴.

A atenção despertada pelo Egito na literatura de viagem, assim como em outros tipos de descrição de cunho geográfico, etnográfico e religioso começa a perder força após a ocupação romana (30 a.C.) (HARRIS, 1993: 183) e só será reavivada com os movimentos de peregrinação fortalecidos durante a Idade Média. Aos peregrinos iriam se somar, com outras motivações, antiquários e outros viajantes que incluíram o Egito em suas rotas e em seus

¹The American Heritage Dictionary of the English Language. 54. e. Boston: Houghton Mifflin Company, 2000.

² LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1980. Prefácio. Apud BRANDÃO, Jacyntho Lins. A tradição da diversidade cultural: ensaio de tipologia. In: LOPES, Antonio H., CALABRE, Lia (Org.). *Diversidade cultural brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005, v.1, p. 52-55.

³ A literatura de viagem é utilizada também em sátiras sociais e políticas como na obra Jonathan Swift, *Viagens de Gulliver*, que exerceu forte influência sobre autores brasileiros como Monteiro Lobato, e que recebeu inúmeras adaptações em língua portuguesa. VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil. Tese de Doutorado*. Campinas: UNICAMP, 2004..

⁴ Travellers in Egypt. Disponível em: <<http://www.travellersinegypt.org/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2007.

relatos, ainda que a maioria deles não tenha ido além da região do Delta. As primeiras visitas em busca de Antiguidades são feitas em finais do século XVI e início do século XVII. Os relatos têm diferentes teores: desde descrições detalhadas sobre as visitas até apresentação de opiniões pessoais sobre questões muito particulares.

A expedição de Napoleão Bonaparte, de 1798, mesmo que não possa ser considerada estritamente uma viagem, constitui um marco desse itinerário, cujos relatos foram publicados, entre 1809-1830, em *Description de l'Égypte*, uma obra coletiva produzida a partir de informações de diferentes especialistas que acompanharam Napoleão. Tratou-se de uma façanha em que se mesclaram imperativos culturais, militares e geopolíticos, característicos do período do final da Revolução francesa⁵.

Os viajantes que se sucederam no Egito, após esta expedição, não encontrariam mais muitas das obras indicadas no relatório napoleônico, pois foram levadas – de diversas formas, e por diversos motivos, para coleções privadas e museus, principalmente, da Europa.

Retornando aos interesses e métodos de coleta de informações por parte do “pai dos viajantes”, Kapuscinski lembra que, em sua época, Heródoto não teve à sua disposição bibliotecas, arquivos, pastas com recortes de jornais, nem as incontáveis bases de dados à disposição dos viajantes atuais. Construiu seu conhecimento, viajando até os territórios escolhidos, fazendo perguntas, observando a vida das populações locais. O que o teria instigado a viajar, a agir? O que fazia com que se submetesse aos perigos de uma viagem, com que corresse os riscos de novas expedições?

Creio, diz Kapuscinski, que foi a curiosidade sobre o mundo, O desejo de estar num lugar a qualquer custo, de vê-lo, acima de tudo, de vivenciá-lo...Ele (Heródoto) descobre, muitos séculos antes de nós, uma característica importante, e também perversa, da memória – os homens se lembram daquilo que querem lembrar, e não do que aconteceu realmente. Cada um pinta os eventos à sua maneira, e cada um, no seu cadinho, faz a própria mistura. Portanto, a restituição do passado da forma como ele se deu é impossível; nós temos acesso apenas às suas variantes, mais ou menos dignas de fé, mais ou menos satisfatórias. O passado não existe mais. Existem tão-somente suas incontáveis versões” (KAPUSCINSKI, 2006: 284-290).

Aqui Kapuscinski se declara abertamente contra o *wie es eigentlich gewesen* rankeano. Mas é o próprio Heródoto quem explica a motivação que o leva ao Egito e o seu método de análise da sociedade egípcia. "Eu vou agora para o Egito, porque este país possui muitas coisas maravilhosas e monumentos que ultrapassam toda a descrição e comparação com

⁵ LAURENS, Henry. Orientales I – Autour de l'expédition d'Égypte. Canal Academie. Disponível em: <<http://www.canalacademie.com/Orientales-I-Autour-de-l.html>>. Acesso em 15 março 2007. Para conhEcer algumas gravuras de Description de l'Égypte: <http://www.livres-anciens.org/Gravures%20anciennes.htm>.

aqueles de qualquer outro lugar..." (Herodoto, *História*, II, 37). Ele ouviu muito a respeito do Egito em sua preparação para a viagem. Uma vez no Egito, ele entrevista os egípcios, os observa, e muitas vezes apenas repete o que eles afirmam, participa de seus rituais (Heródoto, *História*. p. 145-172).

Mas Heródoto ouvia e via os egípcios com ouvidos e olhos gregos. Assim, podemos dizer que o Egito dos viajantes sempre foi e será refletido no espelho cultural e mental de seus observadores⁶.

Os viajantes que sucederam a Heródoto produziram relatos de dimensões e características diferenciadas. Boa parte deles, como já dissemos, não foi além da região do Delta, o que limita, de certa forma, as informações produzidas sobre o Egito. Entre os viajantes ou peregrinos que visitaram especificamente o Egito ou o incluíram em seus itinerários orientais estão Arnold von Harff (1471-1505), de Colônia, que fez uma longa viagem entre 1496 e 1499; Lodovico de Varthema (ca. 1470 - ca. 1517), com viagem entre 1503 e 1508; Pierre Belon (ca. 1517-1564), cujo relato foi publicado em 1555; John Ogilby (1600-1676), com relato publicado em 1670; o astrônomo inglês, John Graves (1602-1652) que visitou o Egito duas vezes entre 1638-1639, e escreveu uma obra em que descreve em detalhes as pirâmides, *Pyramidographia or a Discourse of the Pyramids of Aegypt*, publicada em 1646; John Ray (1627-1705), com relato publicado em 1693; Frederik Ludvig Norden (1708-1742), com relato publicado em 1755; Emma Roberts (ca. 1794-1840), com relato publicado postumamente, em 1841; Sophia Lane Poole (1804-1891), com relato publicado entre 1844-1846; Francis Bedford (1816-1894), fotógrafo, com publicação de suas fotografias, por volta de 1866; Ernest Alfred Wallis Budge (1857-1934), com relato publicado em 1901⁷. Entre os viajantes de língua portuguesa está Eça de Queiroz (1845-1900), com seu relato publicado, postumamente, em 1926.

O que aproxima grande parte desses viajantes é seu gosto pelo exotismo, inscrito no âmbito da alteridade, e a submissão "ao desconforto e aos riscos da viagem em busca justamente da experiência de coisas que não lhe são familiares"⁸, ou para comprovar incertezas.

Um outro tipo de relato de viagem sobre o Egito é o produzido pelo viajante-repórter, que apresenta um olhar coletivo que soma o seu ao de seus leitores em cada cena da viagem.

⁶ BRANDÃO, Jacyntho Lins. Apresentação. In: HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

⁷ Travelers in Egypt. Disponível em: <http://www.travellersinegypt.org/>. Acesso em 20 janeiro 2007.

⁸ BRANDÃO, Jacyntho Lins. A tradição da diversidade cultural: ensaio de tipologia. In: Antonio Herculano Lopes; Lia Calabre. (Org.). Diversidade cultural brasileira. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005, v. ,

Um americano anônimo, com essa característica, escreve para a *Harper's New Monthly Magazine*, de Nova York, em 1905. Sempre atento aos seus leitores, descreve aspectos da vida egípcia que causam espanto: a extrema miséria que envolve a maioria da população egípcia, a nudez das crianças e as estranhas maneiras de se vestir dos adultos, o contraste dos meios de locomoção local e a ferrovia com padrões europeus, mas que não possui um horário fixo de viagens, a ausência de transporte das bagagens da estação para os barcos atracados no Nilo, o espetáculo que se cria nos períodos fixos de oração dos muçulmanos, a longa espera pela correspondência, o costume de dar aos filhos o nome do fundador do islamismo – como Muhammad, Mahmud, Mehmet, a capacidade do dinheiro para facilitar visitas de locais de difícil acesso, as regras de negociação nos mercados populares que reduzem sensivelmente os preços iniciais, as coleções de antiguidades nas mãos de pessoas influentes e a venda de peças para museus e outros colecionadores europeus.

Os atuais relatos de viagens ao Egito ganharam uma nova dimensão com as facilidades proporcionadas pela Internet. Centenas de viajantes disponibilizam seus relatos em páginas pessoais ou especializadas que se tornam ricas fontes de informações para a avalanche de novos visitantes que se dirigem para as terras faraônicas.

O relato de Heródoto ganha miríades de enfoques, vindos de todo o mundo. Aqui apresentamos o relato que dois viajantes-turistas espanhóis fazem de sua viagem ao Egito, pelo Nilo, em 2003. Robinson e Blue -- assim se apresentam, utilizaram a Internet não apenas para divulgar o seu relato, mas também para contratar sua viagem de oito dias ao Egito. No início da viagem, sintetizam em poucas palavras o que os espera: um roteiro mágico, uma idéia que será reavaliada durante a viagem.

Escrevem um diário detalhado sobre a viagem. Chegam ao Egito, não pelo aeroporto do Cairo, mas por Aswan, 979 km ao sul. Logo após o desembarque, são submetidos ao controle médico, documentado no passaporte, antes de receberem os cumprimentos do guia do grupo em que se inserem, e que se apresenta como egiptólogo. Dentro do ônibus de turismo se monta rapidamente uma espécie de mercado colocando à venda inúmeros itinerários facultativos que poderiam ser adquiridos e incorporados sem prejuízos do itinerário combinado.

Do aeroporto, chega-se, em pouco tempo, ao barco-hotel ancorado às margens do Nilo. Na recepção, o costumeiro chá de hibisco avermelhado – diga-se da passagem, muito saboroso. À noite o assédio dos condutores de carruagens e taxistas que querem mostrar a

cidade para os turistas que caminham ao longo do Nilo. O preço é sempre negociável, também com os suvenires. O inglês é falado por quase todos que se relacionam com os turistas, mas quando isto não é possível, a linguagem dos sinais resolve o problema de comunicação.



Instituto Oriental. Universidade de Chicago, 2007

Abu Simbel é um roteiro obrigatório, a 270 km ao sul de Aswan, e ali se chega em ônibus ou microônibus, com saída na madrugada para evitar o sol escaldante e para permitir visitar outros lugares na volta. A viagem é feita em comboio, por segurança. Deve-se dizer que os grupos de turistas são sempre acompanhados por policiais armados. Em Abu Simbel, os templos de Ramsés II e de Hathor são visitados pela manhã; são monumentos que foram retirados de seu local original e colocados num nível acima das águas da represa de Aswan. Na volta, a visita ao Obelisco Inacabado num local de onde foram extraídos inúmeros outros obeliscos e outras peças de granito.

De volta a Aswan, se parte para Kom Ombo. Na viagem, não se utilizam mais os pincéis ou bico de pena dos antigos viajantes, mas câmeras fotográficas modernas que nossos viajantes-turistas ainda não tinham substituído pelas digitais. Os filmes com grande sensibilidade – de até 800 ASA – são usados para fotos internas. As câmaras fotográficas e filmadoras nem sempre são permitidas no interior dos monumentos, e, quando o são, deve-se pagar um ticket para utilizá-las, estimulando a aquisição de cartões postais dos locais visitados. Mas os viajantes-turistas clicam centenas de vezes, apontando para cenas externas, buscando armazenar, nas suas palavras, “boas recordações”. Além dos monumentos, não é

permitido tirar fotos da represa de Aswan, por ser considerado um espaço de segurança nacional.

O ar condicionado do barco-hotel resolve parte do problema com o calor, motivo de lamentações da maioria dos viajantes de todos os tempos que passaram pelo Egito. Por toda parte, vende-se de tudo, tornando um martírio os deslocamentos de um monumento a outro ou dos monumentos ao barco-hotel.

Os dois viajantes-turistas estão no Egito, mas não querem perder tempo ouvindo do guia explicações muito detalhadas da história de cada monumento. Preocupam-se mais com a questão visual dos monumentos do que com sua explicação histórica. Segundo eles uma imagem vale mais que mil palavras.

O trajeto do barco até o templo de Edfu é coberto em carruagem, com um condutor que é também cantor e quer receber por seu show privado. As explicações do guia causam tédio e não se vê porque ficar meia hora ouvindo a história de um monumento.

No Vale dos Reis, o ticket comum dá direito a visitar 3 tumbas reais. Dali, segue-se para a visita ao templo da rainha Hatshepsut, em Deir al-Bahari, que porém não acontece porque os portões foram fechados antes da hora prevista, para indignação de todos. Nos Colossos de Memnon acontece o mesmo, e o guia, para defender os interesses dos turistas, acaba sendo multado por desacatar a polícia.

Em Tebas, os dois viajantes-turistas se desgarram do grupo para uma visita às ruas da cidade, guiados por um menino e recebendo sorrisos de todos. “Somos espectadores de um mundo distinto do nosso, talvez mais parecido ao de nossos avós”, dizem. Sentem-se como se estivessem vendo um filme sentados no sofá da sala de suas casas. Grupos de egípcios os rodeiam, tiram fotos com eles e distribuem balas às crianças. Os souks (mercados) atraem a dupla em todas as cidades. Chamam a atenção para o fato de que nem sempre se embaa o que foi comprado, e que por isso é preciso conferir as compras.

De Luxor partem de avião para o Cairo. Na manhã seguinte, a primeira visita são as pirâmides de Gizé, onde é permitida a entrada diária de apenas 150 pessoas. A visita pessoal às pirâmides é considerada muito mais interessante que os inúmeros programas televisivos que tinham assistido sobre elas.

As informações que são passadas pelo guia diferem do conhecimento adquirido anteriormente sobre as pirâmides. Ao entrar na grande pirâmide a sensação é a de ter toneladas de pedras sobre as costas e que elas tinham esperado até agora para recebê-los. Na ida ou na volta para as pirâmides, motoristas de ônibus ou táxis levam seus passageiros a lojas de papiro, quase sempre dizendo que se trata do único local onde se pode comprar papiros

legítimos. Ali se fazem apresentações de como confeccionar uma folha de papiro, uma atividade sempre seguida da apresentação de todo o acervo da loja, com preço muito alto. Sempre se oferece aos visitantes uma bebida, seja um chá ou um refrigerante como cortesia.

Abdicam da visita do Museu do Cairo junto com o grupo para ir a um restaurante típico onde não sabem o que pedir do menu desconhecido e depois aproveitam a movimentada vida noturna do Cairo. O comércio em geral fica aberto até altas horas, com um grande movimento de pessoas pelas ruas. O táxi que tinha cobrado 25 libras na ida agora aceita cobrar apenas 10 libras para a volta⁹.

Se Heródoto influenciou muito viajantes com seu método de buscar informações, particularmente, sobre o Egito, estes dois espanhóis teriam ensinado a Heródoto a fazer suas descrições com muito mais detalhes e espirosidade.

Quando descrevem a visita a Saqqara, demonstram conhecer muitos detalhes históricos sobre o local. O museu do Cairo que não tinha sido visitado junto com o grupo acaba atraindo a dupla. Encantam-se com as mais de 1700 peças que compõem o tesouro de Tutankamon. A cidade dos mortos, túmulos habitados por cerca de 20.000 pessoas, é visitada em seguida.

Na última noite, o espetáculo de luzes nas pirâmides é admirado da varanda de um bar. O taxista insiste em levá-los até sua casa para conhecer a família: sua mãe, sua mulher e duas crianças. O último jantar fica caro, mas se lembra que na Espanha custaria 3 vezes mais.

Conclusão

Retomando o significado original do termo viagem (*viaticum*), podemos dizer que todo viajante se mune de provisões antes de se porem a caminho. Dentre tais provisões, a mais natural é o modelo cultural de que se reveste o viajante e que determina a forma de análise do local visitado; uma outra provisão é constituída pelo conjunto de informações que ele reúne sobre o lugar que deseja conhecer, quer por meio da relação com outros viajantes, quer por meio de relatos e outros tipos de documentos. Um dos objetivos da viagem é confrontar o *akoue* (ouvir) com a autópsia (ver com os próprios olhos). Quando relata sua viagem ao Egito, Heródoto (*História*, II,V) lembra que tinha ouvido falar que o Egito era uma dádiva do Nilo e que ele pode comprovar isso quando visitou o país.

Pode-se dizer que o viajante vive um misto de *dejà vu* e de surpresas em cada encontro. Nunca se está seguro sobre como se dará a próxima relação, como será percorrida a próxima

⁹ 10 libras egípcias: R\$ 3,59, no câmbio de 03 de abril de 2007.

etapa do roteiro, nem se será possível visitar o próximo monumento. O manual de viagem é constantemente violado, de um lado, mas enriquecido de outro, com agradáveis surpresas.

Quanto menor é o tempo que o viajante tem à sua disposição, mais veementes são as estratégias para fugir dos lugares comuns e buscar o inusitado, o diverso, o exótico. Com relação aos nossos viajantes turistas, procuram se afastar do preestabelecido pelo guia para construir seus roteiros particulares de visitas e conhecimentos. A relação informal com a população local cria fortes momentos de aprendizagem e estupefação.

Um simples exemplo de como o viajante sempre com os olhos de sua cultura de origem – onde se contata a afirmação de Hartog, em epigrafe - *há o mundo em que se conta e o mundo que se conta* - é o momento em que se compara o preço do último jantar no Cairo com o que se pagaria na Espanha: três vezes mais; não se faz uma relação desse preço com os padrões salariais egípcios.

Como o papiro ou o pergaminho na antiguidade, hoje o papel, a filmadora ou a máquina fotográfica registram tudo insaciavelmente. É preciso voltar ao Egito mentalmente, é preciso registrar as imagens para que elas possam ser recuperadas e repensadas mais delongadamente.

Não é apenas durante a viagem que se processa o conhecimento do local visitado, mas nas inúmeras vezes que se confronta o que dele se conhecia, com o que nele se viu e o que dele se registrou.

O Egito do passado com o Egito do presente se intercalam na mente do viajante que, por vezes parece presenciar cenas, relações, atividades do período faraônico que afloram no cenário percorrido no curto prazo da visita. Continua intensa a relação dos camponeses e o Nilo que ainda hoje é considerado uma dádiva dos deuses.

De tanto conviver com os viajantes, os egípcios também se encantam com seu exotismo e acabam sendo atraídos pelo desejo de também eles se por em viagem e até mesmo, como muitos o fazem, migrar para bem longe da terra dos faraós.

No avião de volta da viagem que fiz, em 2006, para o Egito, encontrei muitos jovens egípcios que também se fizeram viajantes, alguns apenas para estudar fora do país, mas outros para migrarem definitivamente para um lugar deferente do seu.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Jacyntho Lins. Apresentação. In: HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s.d.
- FUNARI, Raquel dos Santos. Uma abordagem hermenêutica. *História e-História.*, 13 junho 2004. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?também=artigos&id=6>>. Acesso em 10 de março 2007.
- HARRIS, J.R. (Org.). *O legado do Egito*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Minhas viagens com Heródoto. Entre a história e o jornalismo*. Trad. Tomaz Barcinski. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LAURENS, Henry. *Orientales I – Autour de l'expédition d'Égypte*. Canal Academie. Disponível em: <<http://www.canalacademie.com/Orientales-I-Autour-de-l.html>>. Acesso em 15 março 2007.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1980. Prefácio. Apud BRANDÃO, Jacyntho Lins. A tradição da diversidade cultural: ensaio de tipologia. In: LOPES, A. Herculano; CALABRE, Lia. (Org.). *Diversidade cultural brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005, v.1 , p. 45-86.
- THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE. Boston: Houghton Mifflin Company, 2000
- TRAVELERS in Egypt. Disponível em: <http://www.travellersinegypt.org/>. Acesso em 20 janeiro 2007.
- VIEIRA, Adriana Silene. Viagens de Gulliver ao Brasil. Estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato. 2004. *Tese* (Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.